

Credor só renegocia com o novo Governo

Londres — Banqueiros americanos e europeus reunidos numa conferência internacional promovida pelo **Financial Times** disseram ontem que o acerto final para a renegociação a longo prazo da dívida externa brasileira ficará para depois da eleição do próximo Presidente.

— Essas coisas precisam de tempo. Veja o México, que começou a renegociar a última etapa em agosto e só agora chegará a assinatura dos acordos. É necessário consultar muitos bancos — disse, em tom evasivo, o presidente do comitê de bancos para o Brasil, William Rhodes, do Citibank.

Ao seu lado, Guy Huntrods, diretor do Lloyds e vice-presidente do mesmo comitê, confirmava com um gesto de cabeça:

— Estamos esperando uma confirmação para tratar dos próximos encontros com os brasileiros. Parece-me que o próprio Governo Brasileiro ainda não comunicou quando estará pronto para retomar negociações — disse o veterano banqueiro inglês.

Otimismo e crítica

Além de William Rhodes, que fez ontem uma palestra sobre a recuperação e ajustamento econômico internacional do Brasil, outros banqueiros internacionais mostraram-se otimistas em relação à nova rodada de negociações. Eles acham que a perspectiva da eleição de Tancredo Neves como novo Presidente “é uma garantia de moderação e tranqüilidade”, embora o ex-presidente do Banco Central, Carlos Langoni, que também participou da conferência, afirme que a Frente Liberal pretende incluir taxas de juros fixas como um dos pontos essenciais a serem negociados com os principais bancos comerciais no próximo ajuste com o Brasil.

Langoni fez uma exposição bastante abrangente, criticando em primeiro lugar “o deliberado objetivo estratégico dos Governos dos países industrializados, que pretendem manter ao mínimo sua intervenção na crise da dívida latino-americana”. O ex-presidente do Banco Central apontou para o fato de que países como o Brasil transformaram-se em exportadores de capital (7 bilhões de dólares este ano, mais da metade do superávit comercial), com conseqüências sociais e políticas imprevisíveis. Disse que é um erro considerar a presente situação como transitória, afirmando que a atual estratégia de renegociação apenas esconde as distorções.

A solução para o futuro só pode ser a longo prazo, na opinião de Langoni, e teria de incluir a capitalização dos juros (coisa fácil do ponto-de-vista técnico, só os americanos é que se recusam por motivos políticos) e um compromisso dos bancos credores em fornecer todos os anos um volume determinado de dinheiro novo para os países endividados.

WILLIAM WAACK

Correspondente